

“NÃO TIREM NOSSAS CASAS” ESTUDO DA RESISTÊNCIA AO DESPEJO DO QUILOMBO CAMPO GRANDE (MG) ENTRE O OFFLINE E O ONLINE

RAFAEL DE MESQUITA OLIVEIRA FERREIRA FREITAS

RESUMO *A presente investigação intenta compreender os elementos que compuseram a narrativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no caso da tentativa de despejo dos moradores do Quilombo Campo Grande, em Campos do Meio (MG). Analiso mensagens postadas no Twitter para compreender como as redes sociais são um ambiente no qual a disputa local busca ganhar repercussão, multiplicando apoiadores e atuando em campos diversos e que a separação entre o online e o offline é rompida. Desta forma, intento contribuir com a pesquisa acerca dos movimentos sociais e também da antropologia em/dos meios virtuais.*

PALAVRAS - CHAVE *Movimentos sociais. Emoções. Narrativas. Antropologia dos meios digitais.*

ABSTRACT *The present investigation intends to understand the elements that composed the narrative of the Movement of Landless Rural Workers (MST) in the case of the attempted eviction of the residents of Quilombo Campo Grande, in Campos do Meio (MG). I analyze messages posted on Twitter to understand how social networks are an environment in which the local dispute seeks to gain repercussion, multiplying supporters and acting in different fields and that the separation between online and offline is broken. In this way, I intend to contribute to research on social movements and also on anthropology in / of virtual media.*

KEYWORDS *Social movements. Emotions. Narratives. Anthropology of digital media.*

INTRODUÇÃO

Neste artigo pretendo analisar o uso das imagens e narrativas empregadas e divulgadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em uma rede social virtual durante os dias nos quais ocorreu a tentativa de executar uma ordem de despejo dos moradores do Quilombo Campo Grande, no município de Campo do Meio, em Minas Gerais. Por meio desta análise pretendo compreender os argumentos utilizados por este movimento social para buscar apoio popular, comunicar a situação de conflito, pressionar os órgãos públicos envolvidos e denunciar determinados projetos políticos.

Este artigo faz parte de uma pesquisa em andamento que busca compreender as rupturas e continuidades nas trajetórias de militantes do MST tomando como nó inicial o imbróglgio da saúde mental. No presente artigo, todavia, interessa compreender como a atuação do movimento em questão e as trajetórias dos militantes se comunicam e de que forma as narrativas são tecidas, tomando uma remoção como caso de estudo. Contextualizo o conflito em torno do Quilombo Campo Grande apresentando atores relevantes para o episódio aqui analisado e, em seguida, apresento um levantamento dos discursos veiculados em uma rede social. Por fim, busco relacionar a veiculação de determinadas imagens e textos com outros movimentos sociais e as formas utilizadas para buscar apoio para suas causas.

A seguir mostro como as emoções representam um papel essencial na construção de uma narrativa de combate. As emoções aqui apresentadas não são mero resultado de um cálculo assim como também não são um puro exercício de subjetividade. Ou seja, não se trata de uma disputa entre ações racionais e ações emotivas. Emoções e ações são, no conflito que analiso aqui, parte de uma forma de atuar que busca simultaneamente mobilizar e fornecer suporte aos militantes do MST e moradores do Quilombo Campo Grande.

Meu objeto de análise nesta pesquisa serão as publicações realizadas em uma rede social, o *Twitter*, pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, por meio de seu perfil oficial nesta rede. Qualquer proposta de uma pesquisa antropológica que pretenda adentrar nos meios virtuais deve atentar para as plataformas utilizadas por seus interlocutores não apenas como ferramentas, mas como algo que dialoga com as possibilidades de discurso e de existência. As plataformas sociais implicam em possibilidades de socialização distintas. O que não significa dizer que os usos de uma rede social são determinados pelos seus criadores, mas sim que “o que garante sua relevância ou sua maior ou menor popularidade, são os muitos usos práticos e as significações e ressignificações daí decorrentes” (PARREIRAS, 2015, p. 77-78). É razoável afirmar que as narrativas aqui analisadas seriam distintas caso fossem veiculadas por outras mídias. De forma que “descrever o mecanismo de funcionamento do Twitter é fundamental para compreender de que modo ele pode funcionar como ferramenta de pesquisa, bem como quais são suas limitações” (PARREIRAS, 2015, p. 86).

O Twitter é uma rede social criada em 2006 e hoje uma das mais populares no Brasil. Os usuários nesta rede se cadastram, criam seus perfis e a partir de então podem publicar principalmente textos, fotos e vídeos, além de links para outros sites. O formato desta rede social é voltado para publicações curtas, de até 280 caracteres, de forma que os usuários interagem por um curto período de tempo com cada mensagem. Os perfis podem ser representações virtuais de pessoas assim como também de movimentos sociais, empresas ou instituições governamentais e não raramente os perfis são utilizados por políticos como governadores e deputados para veicular comunicados oficiais. Parte importante dos mecanismos digitais utilizados para criar mobilizações e divulgar publicações no Twitter são as *hashtags* ou *tags*.

Em linhas gerais, tags são meios de marcar palavras e expressões, as quais podem ser mais facilmente coletadas depois. Acompanha a palavra o sinal #. O Twitter, por exemplo, baseia grande parte da métrica dos tópicos mais comentados do momento global e regionalmente (Trending Topics) nas marcações por tags. A utilização de marcadores se tornou algo tão difundido nas redes sociais que estes muitos movimentos populares ao redor do mundo chegaram a ser chamados “revolução das tags” (PARREIRAS, 2015, p. 65).

As *hashtags* têm sido utilizadas por diversos veículos de imprensa como um dos indicadores de temas presentes no debate público. Como os *Trending Topics* ficam disponíveis para todos os usuários de uma determinada região, fazer um assunto se tornar um dos mais comentados é também uma forma de fazê-lo ganhar ainda mais notoriedade nesta rede social. As *hashtags* estão presentes nas postagens analisadas e foram importantes para fazer com o que o conflito ganhasse apoio em nível nacional e internacional.

Neste artigo dedicarei atenção ao perfil identificado como o “Twitter oficial da página do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)”. Outra característica do Twitter que contribui para esta pesquisa é a possibilidade de coletar uma grande quantidade de publicações por meio de algoritmos disponíveis para ferramentas diversas de análise de dados e estatística.

O CONFLITO EM TORNO DO QUILOMBO CAMPO GRANDE

O conflito que analiso aqui ocorreu em agosto de 2020, porém a formação do Quilombo Campo Grande é resultado de uma série de contendas que se iniciaram em 1998, com a falência da Companhia Agropecuária Irmãos Azevedo (CAPIA) e da Usina de Ariadnópolis. Este Quilombo é um dentre vários

acampamentos situados no município de Campo do Meio. De acordo com Lourenço e Vale

O conflito de terras existente nas áreas da falida usina é um dos mais emblemáticos de Minas Gerais. Seus proprietários têm um grande poder político no âmbito regional e estadual. A história da família Azevedo, os antigos proprietários da ex-usina, se confunde com a do município de Campo do Meio. O português Manoel Alves de Azevedo, fundador da cidade, foi também o fundador da usina, criada em 1908. A Ariadnópolis viveu seu auge na década de 1970, quando em 1975 foi criado pelo governo militar o Programa Nacional do Álcool (Pró-álcool) recebendo fortes incentivos governamentais. A partir do final da década de 1980 a usina entrou em crise geral e em 1990 foi vendida, entrando em processo de falência em 1993, processo concluído em 1996 (LOURENÇO e VALE, 2010, p. 3657.)

A partir da falência da Usina de Ariadnópolis e da CAPIA os acampamentos criados e remoções foram recorrentes e o Quilombo Campo Grande teve início em 1998, formado em grande parte por ex-trabalhadores da usina. Há uma disputa judicial em torno da falência da usina e da formação do quilombo que diz respeito a dívidas trabalhistas com os ex-funcionários e que não teriam sido pagas, disputa esta que ressurgiu nas narrativas que são analisadas neste trabalho.

O Quilombo integra uma cooperativa camponesa criada em 1996 e formada por 500 famílias, a Guai. Os assentamentos que compõem a cooperativa estão situados na área onde havia a usina de Ariadnópolis, se estendendo pelos municípios de Campo do Meio e Guapé. A formação desta cooperativa está ligada à atuação do MST no sul de Minas Gerais (GUAÍ, 2021).

No conflito que analiso aqui os principais atores nomeados nas postagens são o governador do estado de Minas Gerais, Romeu Zema (partido Novo), a Polícia Militar, os militantes e moradores do quilombo. Também estão presentes nas postagens

outros movimentos sociais, artistas, advogados ligados ao MST assim como o bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte. O governador Romeu Zema tem sido um dos aliados e apoiadores do presidente da república, que por sua vez assume uma posição de clara oposição a diversos movimentos sociais, inclusive ao MST, chegando a afirmar que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra seria enfrentado como um grupo terrorista em território nacional (BETIM, 2018). Não raramente, a mobilização de mensagens no contexto que é analisado aqui aproximou o governador e o presidente da república por meio de cartazes, textos e charges.

No mês de agosto de 2020 foi emitida uma nova ordem de reintegração de posse do território onde antes se localizava a Fazenda Ariadnópolis e onde agora se localiza o Quilombo Campo Grande. É essencial ressaltar, neste período o Brasil vivia sob um dos piores momentos da pandemia de coronavírus, até àquela data, e o conflito da remoção nas redes sociais e nas postagens orbitou em torno do risco aos quais as famílias do quilombo estariam expostas no caso de remoção em um momento onde as recomendações de prevenção incluíam evitar aglomerações e ficar em casa. Até o dia 1ª de agosto de 2020 o Brasil contava 93.563 óbitos confirmados por COVID-19. Contagem que ao final do mês chegaria a 121.381 e que, em 2021, já ultrapassa meio milhão de vítimas fatais desta doença.

O conflito ocorreu nos dias 12, 13 e 14 de agosto de 2020 e se o embate físico se dava entre moradores do quilombo e polícia militar, no campo virtual a quantidade de sujeitos era bastante ampliada. As *hashtags* foram uma das ferramentas utilizadas para mobilizar a luta contra a remoção e atraiu a atenção de militantes de outros acampamentos, membros da igreja católica, atores e jornalistas ao mesmo tempo que não obteve espaço em veículos de comunicação de maior alcance. A seguir apresento o que o MST utilizou, neste caso em específico, para compor sua narrativa em termos de discurso e de imagens. O objetivo é, por

meio de uma varredura das mensagens publicadas, compreender os pontos chaves dos enunciados, dos conflitos e das alianças empreendidas.

As narrativas presentes neste conflito mobilizam a trajetória dos militantes que estão assentados neste quilombo, mas também, simultaneamente, colocam em cena debates de políticas em nível federal e nacional. O conflito em torno da terra deixa de ser uma disputa local e se torna uma disputa em torno do direito à terra, moradia, educação e condições de trabalho e, principalmente, do direito à saúde. Esses ideais são tecidos por meio de narrativas sobre a produção agrícola do Quilombo, as doações de alimentos realizadas pelos militantes durante a pandemia de coronavírus, a história de fundação deste espaço assim como as imagens de violência durante o conflito, da escola derrubada e dos militantes feridos. Interessa aqui fazer uma varredura das postagens para compreender os pontos chaves dos enunciados e das alianças empreendidas.

ANÁLISE DE DISCURSO

Por meio do pacote *Twint* na linguagem de programação Python, foram coletados 490 tweets publicados pelo perfil do MST entre os dias 11 a 15 de agosto de 2020. *Twint* é uma ferramenta de *web scrapping* (coleta de dados na internet) que permite coletar dados do Twitter sem utilizar a API¹ desta rede social. O algoritmo utiliza as próprias ferramentas de busca da rede social para coletar as informações. As informações coletadas precisam estar disponíveis para acesso público. Dentre as informações apanhadas estão: data e hora da publicação, texto da mensagem, imagens e vídeos anexados, *hashtags* utilizadas, quantidades de *likes*, *retweets* e comentários (*replies*).

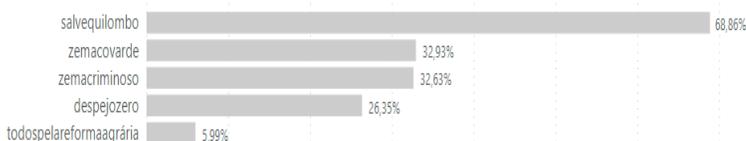
Após realizar uma filtragem na base dados para retirar as mensagens duplicadas, restaram 346 postagens feitas pela página oficial do MST no twitter durante os dias do conflito. Tomo aqui

¹ API é uma sigla para *Application Programming Interface*

como métrica de impacto das postagens as quantidades de *likes*, *retweets* e comentários (*replies*). A própria rede social considera como engajamento os parâmetros citados, além de também contabilizar os cliques, que não foram coletados nesta análise. Tal análise possui algumas limitações, mas permite visualizar quais mensagens se destacam em conseguir multiplicar sua narrativa. Com estes parâmetros buscarei compreender quais elementos estão presentes nas mensagens com maior alcance.

Como discutido anteriormente, as *hashtags* são formas de obter maior alcance para determinado tópico. No twitter essa ferramenta permite que qualquer usuário tenha acesso rápido a todas as publicações que fazem uso de determinada *tag*. Dentre as 346 publicações coletadas, as três *tags* mais publicadas são #salvequilombo, #zemacovarde e #zemacriminoso (gráfico 1). A primeira, presente em 68,86% das publicações coletadas, apresenta um apelo que constituiu a tônica da movimentação nas redes sociais durante este conflito. As duas outras *tags* mais repercutidas, presentes em 32,93% e 32,63% das publicações, respectivamente, assumem um caráter de acusação que toma como alvo o governador do estado de Minas Gerais. No equilíbrio tênue entre apelo e acusação reside o processo de combater o despejo e, simultaneamente, obter apoio.

Gráfico 1 - Percentual de uso das *Hashtags*



A primeira postagem acerca do despejo feita na página oficial do MST nesta rede social ocorreu no dia 11 de agosto, às 14 horas e o despejo só viria a ser mencionado novamente às 19 horas. O que as publicações durante este dia faziam era informar que havia uma ordem de despejo para o dia seguinte (12/08/20) e que haveria resistência por parte dos moradores. No dia seguinte,

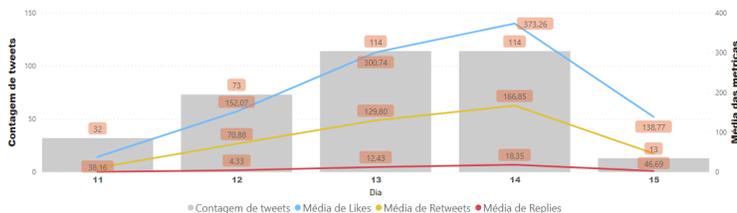
por volta das oito horas da manhã, se iniciaram as mensagens sobre o despejo do Quilombo. Às 8:12 foi postada a seguinte mensagem:

ALERTA DE DESPEJO: A PM se aproxima do Acampamento Quilombo Campo Grande, em MG. As famílias Sem Terra já disseram que irão resistir onde vivem há mais de 20 anos contra o despejo na pandemia! (@MST_Oficial, 2020, postagem disponível em https://twitter.com/MST_Oficial/status/1293505555357736961)

A mensagem era acompanhada por imagens de policiais bloqueando uma estrada e um helicóptero da polícia sobrevoando o acampamento enquanto várias crianças seguravam placas com mensagens de oposição ao governador do estado, Romeu Zema, e ao presidente da república, Jair Bolsonaro. Os cartazes também continham desenhos de casas e árvores, assim como mensagens que já carregavam o formato das *hashtags* de modo a propiciar a integração com uma narrativa que ganharia eco nas redes sociais.

A partir da chegada da polícia no acampamento a atividade no perfil do MST no twitter também cresceu. Nos dias 13 e 14 as postagens na página chegam a 114 publicações por dia, um aumento de 56,17% no volume de postagens em relação ao dia 12 de agosto, dia da chegada da polícia. As publicações nos dias 12, 13 e 14 passaram a fazer um registro em texto, fotos e vídeos do conflito. Por meio da análise das postagens é possível marcar alguns eventos de destaque em cada dia de conflito. A seguir apresento uma cronologia resumida destes eventos. O gráfico 2 mostra como aumentaram em quantidade, durante o agravamento do conflito, acompanhadas também de um maior engajamento nas publicações. A média de *likes* por publicação passou de 32 *likes* por postagem no dia 11 para 373,26 *likes* por postagem no dia 14.

Gráfico 2 - Quantidade de tweets e média de likes, retweets e replies segundo dia da postagem



Logo no primeiro dia da chegada da polícia, uma quarta-feira, houve a derrubada de uma parte da Escola Popular Eduardo Galeano e o avanço sobre algumas das casas dos moradores. Ainda neste dia a página do MST informa que o governador Romeu Zema havia comunicado que a ordem de despejo seria suspensa, porém os policiais não deixaram o local. Posteriormente o governador informou em sua própria página da mesma rede social que solicitara a suspensão, mas a mesma foi negada. Na quinta-feira, dia 13 de agosto, a hashtag #ZemaMente passou a ser utilizada para afirmar que o despejo continuava. Um evento de destaque nesta quinta-feira foi o incêndio que se espalhou em parte do acampamento pela tarde. De acordo com os moradores, o fogo foi iniciado pelos próprios policiais. Foram postados diversos vídeos e fotos que mostravam os moradores tentando apagar as chamas. Foi também neste dia que o ator e diretor Wagner Moura gravou um vídeo no qual ele apelava para as autoridades de Minas Gerais que suspendessem o despejo. Na sexta, 14/08, o conflito se tornou mais intenso.

A partir deste ponto as postagens passam a carregar uma mensagem de maior urgência conforme o conflito se intensifica. De acordo com a página do MST, os jornalistas presentes passaram a ser retirados do local às 13:22. Alguns minutos depois o conflito passou a ser registrado e veiculado por meio de textos, vídeos e fotos. A primeira imagem mostrava dezenas de militantes correndo em uma estrada enquanto um helicóptero

da polícia sobrevoava a área. A mensagem que acompanhava a foto dizia “A Polícia Militar de @RomeuZema está atacando as famílias! Atirando bombas de gás contra idosos, crianças, jovens e adultos! Isso é muito desumano!”. Na página do MST no twitter os moradores do Quilombo denunciavam o uso de bombas de gás, de um veículo blindado e de fogo sendo colocado nas plantações. Às 14:30 foi publicada a imagem de um morador no chão, desacordado e sendo atendido pelos demais.

Pelas horas seguintes as postagens passaram a apresentar diversos vídeos de políticos, movimentos sociais e outros militantes apoiando os moradores do Quilombo. Também passou a ser contada uma narrativa acerca da trajetória da fundação do Quilombo Campo Grande, desde a falência da usina de Ariadnópolis até a produção do Café Guai pelos novos ocupantes.

Por fim, às 19 horas é postada uma imagem que anunciava o fim daquele momento do conflito.

Bandeira triangular em mastro Punho levantado NÃO SE
PODE ACOVARDAR UM QUILOMBO

Vai-se mais um despejo, a brutalidade de ter um legado de 22 anos de cuidado com a terra, com o povo destruído deixando corpos, natureza e SONHOS feridos. Fica a certeza de que nossa LUTA nos dignifica pelos 4 cantos deste país desigual. Onde houver um Sem Terra, há a chama por revolução e justiça social! As famílias Sem Terra de todo o país se solidarizam com as famílias Sem Terra do Quilombo Campo Grande, sabendo q somos sementes e q amanhã será outro dia! Nossa luta é pra valer!

#ZemaCriminoso #SalveQuilombo

(@MST_Oficial, 2020, postagem disponível em https://twitter.com/MST_Oficial/status/1294395778925039616)

Estabelecida a cronologia do evento que é analisado aqui, passo agora a selecionar as mensagens que obtiveram maior repercussão, pelos parâmetros antes apresentados, para compreendê-las de forma mais detalhada. A partir da quantidade

de *likes*, *retweets* e *replies*, tomo as três publicações que mais se destacam. Em conjunto, estas três postagens mostram aspectos importantes na comunicação deste conflito.

Pelos parâmetros estabelecidos, uma postagem se destaca imediatamente. Me refiro àquela que contém a foto de um militante ferido (Figura 1). O texto que acompanha a foto é o seguinte:

PM DEIXA FERIDOS EM DESPEJO!
Polícia não está permitindo a passagem de ambulâncias ou da imprensa!
#ZemaCriminoso #SalveQuilombo
(@MST_Oficial, 2020, postagem disponível em https://twitter.com/MST_Oficial/status/1294325895449247746)

Figura 1 - Foto de militante ferido durante o conflito em Campo Grande



Fonte: página do @MST_oficial no twitter

Esta publicação foi feita no dia 14, pouco tempo após o início do momento de maior embate do conflito em torno da remoção das famílias. A segunda publicação de destaque foi a que apresentou um vídeo de pouco mais de um minuto do ator e diretor Wagner Moura. Neste vídeo o ator apresentou um “apelo para que as autoridades responsáveis barrem a violência policial

e o despejo na área”. O vídeo cita o aparato policial presente no cenário do conflito, a destruição da escola voltadas às crianças da comunidade e destacando que a ordem de despejo ocorria durante a pandemia de coronavírus, apresentada como uma “crise humanitária mundial”.

Por fim, destaco a terceira publicação com maior repercussão no período analisado. Esta postagem é formada por uma *thread*, que corresponde a uma sequência de postagens no twitter, extrapolando o limite de 280 caracteres por publicação. A postagem buscava responder duas perguntas: qual a história do quilombo e qual o motivo que levou as famílias a ocuparem este território. Apresento a seguir o texto que compõe a série de publicações.

No terreno funcionava a antiga usina de Ariadnópolis, a Companhia Agropecuária Irmãos Azevedo (Capia). Em 1998, a empresa faliu e encerrou as atividades. Além de deixar um calote MILIONÁRIO no estado, não pagou NENHUM direito trabalhista, assim como largou as terras abandonadas.

Os trabalhadores da empresa, QUE NÃO RECEBERAM ATÉ HOJE UM CENTAVO DA EMPRESA, revitalizaram o terreno e iniciaram a ocupação.

DEPOIS DE 22 ANOS, o acampamento cresceu e se tornou uma terra fértil e produtiva. Mais de 450 famílias viviam, trabalhavam, plantavam, tiravam o seu sustento do local.

Foi construída uma escola para as crianças. A PRIMEIRA coisa a ser destruída durante o despejo ilegal.

A PM nesse momento destrói casas e lavouras com mais de 20 anos de história com aval do governador @RomeuZema que afirma que “não teve como impedir as ordens da justiça”, mas o despejo acontece em plena PANDEMIA enquanto MG soma mais de 160 MIL CASOS e 3 MIL MORTES #ZemaAssassino

(@MST_oficial, 2020, disponível em https://twitter.com/MST_Oficial/status/1294368237652783113)

Cada uma das publicações desta *thread* era acompanhada por fotografias que mostravam os agricultores com suas plantações e com expressões de alegria. As imagens também mostram crianças e adultos na escola do quilombo. Por fim, a última imagem mostrava uma foto do conflito, na qual militantes carregavam uma bandeira do MST enquanto havia fogo em uma plantação ao fundo da imagem.

Estas três publicações mostram, em seu conjunto, as formas buscadas para construir uma narrativa que simultaneamente mobilize sentimentos de indignação e raiva, comunique os acontecimentos no município de Campo do Meio e gere mobilização. A mobilização e direcionamento de tais sentimentos é parte da atuação de diversos ativistas de movimentos sociais (GOODWIN, JASPER e POLLETTA, 2001, p.16), podendo ocorrer de formas bastante diversas. Esta mobilização atua em dupla via, por um lado ela torna o problema do conflito em problema comum, ou seja, compartilhado por uma comunidade. Por outro lado, a organização e compartilhamento de uma luta local faz com que os militantes saibam que não estão sozinhos. Visto que o conflito local é desvelado como parte de uma política nacional de oposição aos assentamentos e de descaso para com as medidas de saúde durante a pandemia de coronavírus, a solidariedade da luta neste momento permite que os militantes atuem e recebam suporte em diversas escalas.

Lacerda (2014) mostrou como, para familiares de vítimas de emasculações em Altamira, as caminhadas e os atos na cidade fazem parte de um processo de formação política do qual participam não apenas mães e pais, mas a cidade toda é envolvida. O espaço público se torna um espaço de rompimento do silêncio das vítimas para tornar o conflito um problema de todos (LACERDA, 2014, p. 59). O meio pelo qual essa transição do individual para o social é feita é a partir dos atos públicos e das narrativas, mas também na conversão das pautas. Os crimes cometidos não são mais direcionados apenas às suas vítimas

diretas, mas são crimes contra direitos que poderiam afetar um grupo social muito maior. Traçando ainda paralelo com outros casos, Siqueira e VÍctora (2017) mostra como para familiares e amigos das vítimas do incêndio da boate Kiss, em Santa Maria, em 2013, gritos e faixas em protestos tornavam a dor daqueles que marchavam como uma questão de todos ao falar “para que não se repita”, “Acorda Santa Maria” ou “E se fosse um filho seu?” (SIQUEIRA e VÍCTORA, 2017, p. 175). Por fim, Vianna e Farias (2011) em estudo com mães que tiveram filhos assassinados pela polícia militar no Rio de Janeiro, chegam a conclusões relevantes também para esta investigação. As autoras mostram como existem trâmites que os familiares das vítimas passam a dominar para que “uma morte específica possa ser reconhecida como parte de um problema social e político mais amplo” (VIANNA e FARIAS, 2011, p. 87). Esse processo de “dessingularização do caso” faz uso de estratégias para ser ouvido e o uso de recursos dramáticos, que, em alguma medida, são possíveis de enxergar também no caso do conflito no Quilombo Campo Grande.

Por meio das postagens selecionadas para análise deste artigo é possível verificar que o MST reforça a posição pacífica diante dos ataques sofridos. A mobilização pacífica ganha importância na disputa por apoios. Nos casos citados no parágrafo anterior, as passeatas, performances e apelos às instituições legais constituem um rol de ações que buscam, ao mesmo tempo, obter resultados para suas demandas e obter apoio de um grupo maior do que aquele envolvido diretamente. No caso que analiso aqui, as postagens da página do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Twitter mostram como é fortalecida a representação de um movimento pacífico. As imagens do movimento que foram veiculadas nesta página mostram, por exemplo, moradores fazendo barreiras humanas na entrada do quilombo, enquanto seguram faixas pedindo para que suas casas não sejam derrubadas; outra postagem, feita no dia 12, mostrava um vídeo dos moradores rezando para que a polícia

encerrasse o despejo. E a postagem que mais obteve repercussão foi aquela que apresentou um militante ferido diante do avanço dos policiais. O vídeo de Wagner Moura, a segunda publicação que destaquei, também faz um apelo às autoridades do governo de Minas Gerais para que as famílias não sejam retiradas do local e pede que a violência policial seja barrada. Por fim, a última das postagens destacadas mostra que as famílias que moram no quilombo foram lesadas durante a falência da Companhia Agropecuária Irmãos Azevedo e destaca também o trabalho de revitalização feito no local. Por outro lado, a presença da polícia é destacada em diversas imagens ligada ao aparato de repressão presente no conflito. Foram mostradas fotos de bombas de gás, de helicópteros e carros, do incêndio, da escola destruída e de policiais usando coletes, capacetes e escudos.

Os elementos presentes nas narrativas analisadas indicam uma linguagem de paz por parte dos quilombolas que se opõe à agressividade policial, que por sua vez é vinculada ao governador do estado. A linguagem dos apelos e da reza, utilizada pelos militantes, moradores e apoiadores são formas de se posicionar e buscar simpatia para a causa defendida. Neste sentido, há diferença significativa entre a linguagem das exigências e dos apelos

Exigir ou pedir são formas de ação política que comunicam posições distintas em relação à instância com a qual se interage. Enquanto a exigência é uma forma de imposição que pretende afastar qualquer possibilidade de regateio, o pedido é um recurso dos mais fracos, mas nem por isso menos eficaz (LACERDA, 2014, p. 66).

Toda essa mobilização cumpriu o papel de mostrar que os moradores não estavam sozinhos em sua luta pelo território. Esta mensagem tanto serve para fortalecer aqueles que resistem como para pressionar aqueles que atacam. O uso das redes sociais para este fim se mostra particularmente eficaz por colocar o debate e a nomeação dos responsáveis em uma arena pública. Goodwin

e Pfaff (2001) mostraram que em movimentos nos quais os militantes estão em alto risco, os mecanismos de encorajamento são fatores essenciais para a manutenção das lutas. Um de seus interlocutores diz, em sua pesquisa, que parte de como a opressão funciona é convencer suas vítimas de que estes estão sozinhos, de forma que parte da organização de um movimento social que lida com pessoas sob risco é mostrar que elas não estão sós (GOODWIN e PFAFF, 2001, p. 289). Assim a linguagem do apelo e do pedido, que aparenta ser um recurso mais fraco em relação à exigência, cumpre o papel de obter apoio que, por sua vez, fortaleceu os moradores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizei nesta investigação a análise de todas as publicações feitas por um único perfil durante este conflito, o do @MST_ oficial. Entretanto, a análise pode ser ampliada por meio da compreensão de uma complexa rede de atores que se conectam por meio das redes sociais. Neste âmbito das redes sociais, e do Twitter especialmente, as *Hashtags* são uma forma particularmente eficaz de fazer com que narrativas de um evento tenham uma caixa de ressonância. Se os moradores do Quilombo Campo Grande sozinhos possuem poucas ferramentas políticas e sociais para impedir um despejo, em conjunto eles podem realizar pressões políticas que façam com que a Polícia Militar e o governador do estado recuem. Para este fim, é essencial tornar o conflito local em um problema público. Para isso as pautas locais são mobilizadas de formas distintas fazendo com que várias pessoas se envolvam. Assim, por exemplo, a destruição das casas se torna um problema de saúde pública, visto que a recomendação de permanecer em isolamento em casa, para se proteger da pandemia de COVID-19, se torna impraticável. A destruição das plantações de café se torna uma questão de ter condições de trabalho e sustento.

Nas mensagens apresentadas, evidencia-se a importância das narrativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra de mostrar-se como um movimento e uma resistência pacífica, mesmo em uma situação de conflito. São ressaltadas as imagens de militantes atingidos, de plantações pegando fogo e da escola quebrada, compondo um ataque aos militantes, aos seus trabalhos e seus ideais. Assim como mostrado nos paralelos que tracei nesta investigação, parte dos atos públicos daqueles sujeitos e movimentos sociais diretamente envolvidos em conflitos é tornar o problema local um problema de todos. Assim, a narrativa da remoção das famílias moradoras do Quilombo Campo Grande é tornada um problema público ao ser localizada dentro de uma postura política do governador do estado das quais outros poderiam ser vítimas.

A presente investigação também contribui para um amplo rol de pesquisas que têm mostrado a fragilidade de uma separação entre virtual e *offline*. Os cartazes dos militantes no caso aqui estudado já carregavam as *hashtags* que seriam utilizadas nas redes sociais, de forma que as manifestações no território do conflito já buscavam simultaneamente disputar o espaço virtual. Aponto, portanto, que os atores envolvidos no conflito estão em territórios muito diversos. De forma mesmo que se torna possível ao movimento, no caso aqui estudado, não se opor diretamente à polícia militar, mas sim ao governador do estado. A conexão entre os campos *online* e *offline* de atuação também pode ser verificada pela análise conjunta do gráfico 1 e da linha do tempo do conflito. À medida que as ações da polícia militar para retirar as famílias do Quilombo avançavam, o engajamento nas redes do MST no *Twitter* também crescia. Logo, analisar este conflito sem considerar a atuação virtual, tanto como fator organizador como mobilizador, é perder de vista uma dimensão importante da disputa.

Esta investigação, entretanto, deixa outras perguntas em aberto. Por quais motivos esse despejo obteve uma atenção tão

grande e de tantos atores? No primeiro dia nos quais os dados foram coletados, há uma postagem que mencionava a tentativa de despejo das 40 famílias do acampamento Sebastião Bezerra, em Palmas (Tocantins). Os despejos têm se tornado mais recorrentes desde 2018, mas nem todos conseguem angariar um apoio nacional e internacional, ficando apenas no âmbito do estado ou mesmo do município. Pesquisas comparativas e etnográficas podem se aproximar da compreensão deste ponto.

Por fim, o Quilombo Campo Grande resistiu ao despejo. Apesar da escola e algumas das residências de 14 das 450 famílias terem sido destruídas (MST, 2021), os moradores permanecem no território. O conflito em torno da remoção das famílias se arrasta desde a sua fundação até hoje e compõe um cenário que tem como sua principal bandeira a reforma agrária em todo território nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETIM, Felipe. As várias faces do MST, o movimento que Bolsonaro quer criminalizar. *El País*. Paraná, 31 de dezembro. 2018. Acesso em: 05 mar. 21.

GOODWIN, Jeff; JASPER, James M.; POLLETTA, Francesca. *Introduction in Passionate politics: emotions and social movements*. The University of Chicago Press, Londres. 2001.

GOODWIN, Jeff; PFAFF, Steven. *Emotion Work in High-Risk Social Movements: Managing Fear in the U.S. and East German Civil Rights Movements in Passionate politics : emotions and social movements*. The University of Chicago Press, Londres. 2001.

GUAÍ. *Guaí - cooperativa camponesa*. Disponível em: <http://www.guaii.com.br/>. Acesso em: 08 mar. 2021.

LACERDA, Paula. *O sofrer, o narrar, o agir: dimensões da mobilização social de familiares de vítimas*. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 49-75. 2014.

LOURENÇO, Arthur Rodrigues; VALE, Ana Rute do. *A luta pela terra no Sul de Minas: Conflitos agrários no município de Campo do Meio (MG)*. In: XX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 2010, Francisco Beltrão (PR). Territorialidades, temporalidades e desenvolvimento no espaço agrário brasileiro. Francisco Beltrão: UNIOESTE/GETERR, 2010. p. 3650-3669.

MST. *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. Disponível em: <https://mst.org.br/>. Acesso em: 08 mar. 2021.

PARREIRAS, Carolina. *Altporn, corpos, categorias, espaços e redes: um estudo etnográfico sobre pornografia online*. (Tese em Ciências Sociais) - UNICAMP. Campinas, SP. 2015.

SIQUEIRA, Monalisa Dias de; VÍCTORA, Ceres. *O corpo no espaço público: Emoções e processos reivindicatórios no contexto da "Tragédia de Santa Maria"*. Sex., Salud Soc. (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 25, p. 166-190. 2017.

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. *A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional*. Cad. Pagu, Campinas, n. 37, p. 79-116, dez. 2011.

RAFAEL DE MESQUITA OLIVEIRA FERREIRA FREITAS - Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de Brasília e mestre em Antropologia pelo programa associado Universidade Federal do Ceará e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.